

8

Conclusão

Eu quis escrever uma dissertação sobre as “Fragmentárias Narrativas na Poética de Rosângela Rennó, Caroline Valansi e Leila Danziger”. Olhando agora vejo que o que fiz foi escrever uma dissertação fragmentária sobre meu desejo de escrita.

Epílogo I

Lembro-me de minha mãe escrevendo cartas para meu avó João (de quem herdei o nome de que tanto gosto) , de tanto observar sua letra aprendi a ler e depois a escrever... Não sei se exatamente nessa ordem Hoje troco mensagens com a minha mãe (e acho graça nisso). Minha mãe mandando mensagens, dando broncas, conselhos à distância. Porque no fundo há uma tendência no filho de achar a mãe antiga, ultrapassada, arcaica... A minha sem dúvida é, mas do modo como Agamben pensa:

“arcaico significa: próximo a arké, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto”. (Agamben. P 69)

E por isso que minha mãe é uma menina.

E eu (por vezes) anciã.

Meu pai me ensinou a palavra coragem.

Mais tarde descobri que coragem é a soma de:

Cora = coração

+

Agem = agir

=

Coragem

Os dois sem saber preparavam esse “instante-já”. Porque sei que comecei essa dissertação ainda na infância, quando gravei o primeiro “A” à margem de um papel de carta e agora para encerrá-la precisei (talvez mais do que nunca antes) dessa coragem que meu pai falava.

Epílogo II

Entre analisar a fragmentação das artistas e repetir (rasurando) seus procedimentos, só me foi possível a segunda alternativa.

Epílogo III

Fiz teatro por 10 anos. Tenho uma espécie de intimidade (amor) com a estrutura do texto dramático. Gosto. Gosto de ler em voz alta... Seja lá quem for. Dramatizo Freud, Nietzsche, Foucault, Manoel de Barros... Todos ganham voz na minha boca... Mas isso era em casa sem ouvinte... Uma espécie de brincadeira, jogo de imaginar como a voz de Nietzsche passaria por minha boca sem bigodes. Acontece que a vida e sua tal “trama secreta” faz da gente o que bem quer... E a gente hora aceita e vive de bem com ela, hora recusa e vive mal.

Durante o período de Mestrado, tive a oportunidade de dar aulas (por um pouco mais de um ano) como professora substituta no Instituto de artes da UERJ. Essa experiência também me “forçou” a lidar com os textos, com meus pensamentos em voz alta. E se escutar, num primeiro momento, é assombroso. Se perceber gaguejar... Hesitar, mudar de tom, de ideia, se contradizer e tudo em voz alta diante dos seus alunos.

No início de 2012 eu também comecei a dar aulas de artes visuais para alunos do segundo seguimento do ensino fundamental na Escola Municipal Goiás. Mais uma vez tive de me reinventar, construir um novo jeito de falar. E esse momento a principio não foi feliz. Porque é duro se reencontrar consigo mesmo. Se ver num espelho.

Fui aluna de escola pública.

Fui e ainda (sou) um deles, Sob o calor de 40, às vezes 45, graus do Rio de Janeiro. Preso em uma sala de aula. Diante de um quadro negro

Hoje fico diante da turma.

Cada turma tem 40 alunos.

Nós todos anônimos.

Somados somos 41 bocas

41 corações pulsantes.

82 olhos que tudo veem.

82 braços e pernas. Livres para andar sob a imposição severa: “SEJA DÓCIL”.

Ser indócil (até aqui) foi o que me salvou.

Defendo a Indocilidade deles... Certamente os salvará.

Tenho fé no futuro.

Epílogo IV

Eu sei

Esse é um texto rasgado!

É uma ferida aberta

Anda comigo.

Escreve as partes que te faltam.